



III Seminário Internacional em  
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



---

## **A Palhaça Negra No Cenário Cultural Amazonense: Questões Sociopolíticas e Históricas.**

Daniely Jesus De Souza LIMA<sup>1</sup>

### **Resumo**

Este trabalho parte da reflexão a respeito de artistas que desenvolvem o trabalho de pesquisa referente a palhaçaria no atual cenário político e artístico amazonense, tendo como objetivo retratar as especificidades da mulher negra amazônica a partir de experiências pessoais como artista que, antes de tudo, encontrou e conheceu suas particularidades. Percebendo o quanto isso reverbera no contexto teatral amazonense, me coloco nesse lugar de investigação do meu próprio eu e da minha palhaça: Lola. Neste sentido, entendo que esta ótica sobre o tema do lugar da mulher fazendo arte no Amazonas deve ser potencializada, pois ao dialogar em um universo patriarcal - ainda na contemporaneidade - a presença do feminino desenvolvendo um papel socialmente atribuído ao masculino, que é o do palhaço, é um fomento político para o discurso de igualdade de gênero e luta feminista contra o racismo. Diante do exposto, pretendo esclarecer e estimular a relação entre os aspectos artísticos e seu contexto social. Logo, esta pesquisa visa compreender algumas questões, entre elas: Porque ainda é escassa a presença feminina desenvolvendo o trabalho de palhaça? Como isto se engendra no contexto sociopolítico e histórico e, qual foi o ponto de partida entre a mulher negra e a palhaçaria.

### **Palavras-chave**

Palhaça Negra; Linguagem Sociopolítica; Auto-etnografia; Feminismo; Teatro.

---

<sup>1</sup> Acadêmica do Curso de Bacharelado em Teatro - UEA e Bolsista PAIC-FAPEAM



## **A Palhaça Negra No Cenário Cultural Amazonense**

A vontade em realizar esta pesquisa parte de uma inquietação pessoal: a minha descoberta e aceitação enquanto mulher negra, que surgiu ao me ver inserida no âmbito acadêmico. Talvez a questão possa causar estranhamento: como alguém se descobre negro somente após entrar na universidade? No entanto, isso acontece com frequência. Ouvei durante muito tempo que eu era morena, algumas pessoas próximas a mim dizem que sou “no máximo mulata”, pelo fato de eu ter a pele mais clara. Como se o termo amenizasse minha negritude e o “ser negro” fosse de algum modo ruim. Emerson de Paula Silva, explica a origem do termo, aparentemente inocente, de cunho racista, estruturalmente falando:

Com esse pensamento podemos perceber as visões que cercaram o fruto da miscigenação: o mulato. O termo vem das palavras em espanhol e português para a mula, que por sua vez, baseiam-se no termo em latim para o mesmo animal, mulus. A mula é o produto resultante do cruzamento do cavalo com burra ou do jumento com égua. Como significa um produto híbrido (mistura de raças), passou a aplicar-se ao filho de homem branco e mulher negra ou vice-versa. A palavra foi usada pela primeira vez cerca de 400 anos atrás, durante o período escravista. Como o corpo é o lugar da memória, temos nos protagonistas José e Marta as marcas dos passos daqueles que são seus e daqueles que dificultaram seu caminhar. (SILVA, 2012. p. 50).

Fui ensinada desde muito cedo que somos todos iguais. Mas, ao entrar na universidade sou confrontada a investigar sobre, e me deparo com estruturas sociais que trazem resquícios de um período escravocrata - que ainda hoje se fundam em alguns preceitos onde o racismo está intrínseco - o que faz querer me entender enquanto indivíduo existente em ramificações racistas que são marcas do período da escravidão.

No início de 2017, iniciei um trabalho prático de pesquisa voltado para a palhaçaria e venho trabalhando na minha palhaça, chamada: Lola. O Palhaço é uma “linha” que amplia nossas características de personalidade, físicas, nossos medos e muitas vezes até o que queremos esconder do outro. Nossos fracassos são trampolim para a criação do palhaço.



Figura 1: Lola em apresentação na Feirinha de Domingo na AV. Eduardo Ribeiro  
Fonte: Campo realizado em Outubro de 2017.

Trago minha experiência pessoal enquanto artista negra como objeto de estudo. Ressalto nesta pesquisa, a participação da mulher negra no campo teatral, mais precisamente na linha de pesquisa da palhaçaria, refletindo sobre a possível relevância no momento histórico e na contextualização da realidade brasileira e amazonense.

Faço, neste estudo, um traçado histórico do passado e correlaciono ao período atual em que a mulher negra se coloca no teatro. Catalogando e entendendo as



III Seminário Internacional em  
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



especificidades da construção cômica das palhaças negras brasileiras e, como estas concepções reverberam na minha palhaça enquanto mulher negra amazonense.

Analisando e compreendendo a construção cômica e corporeidade de uma palhaça negra na Amazônia e, como esse processo criativo fomenta o trabalho artístico amazonense contribuindo para a desconstrução dessas estruturas sociopolíticas determinadas pelo meio social. A resistência política e artística presentes em uma palhaça negra reverbera além do riso. A palhaça não finge, ela simplesmente é. Não há o que mentir.

Outro ponto importante a ser colocado, é a ausência de pesquisas relacionadas ao tema. Ao buscar referências sobre negras desempenhando pesquisas sobre palhaçaria senti uma carência na questão, que me apresentou outra linha de pensamento: a pouca presença de negras na arte, sobretudo no âmbito acadêmico. E como isso poderia ser problematizado, refletido e denunciado.

Entre um ensaio e outro dentro da universidade pública, tendo acesso a um conhecimento e um apoio para ensaios, reflito sobre a minha importância naquele momento ocupando o espaço acadêmico. Já que muitas vezes é branco e elitista, tendo um lugar de fala pela arte que exerço e como a minha figura artista-palhaça se encontra nesse meio de resistência antirracista e anti sexista dentro desse lugar que em muito tempo foi representado somente pelo patriarcado, onde o fazer artístico e o discurso excluía artistas negras.

Para tanto, utilizo a pesquisa autoetnográfica. Silvy Fortin (2009. p. 82) afirma que “os dados etnográficos fornecem as chaves do mundo representado ou vivido pelo artista.” Dado o exposto, me coloco como atuante a partir de minhas experiências indutivas, pessoais, ensaios, vivências e pesquisas de campo. Coloco o meu olhar e relação pessoal sobre o objeto de pesquisa, não apenas me posicionando como forma de análise, mas com o intuito de exceder esse lugar, tomando-o somente como ponto de partida para colocar minha experiência vivida dentro das estruturas sociais. Ao me questionar enquanto artista sobre o que é ser negra fazendo teatro e, analisando o meu lugar de fala dentro desse processo, desejo poder contribuir para ecoar a voz das tantas



III Seminário Internacional em  
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



mulheres negras que estão fazendo arte, ocupando espaços acadêmicos com muita luta, e tantas outras que não tem acesso a esse lugar e nem a esse discurso.

Minha intenção com a pesquisa autoetnográfica é que minha experiência possa servir de estímulo e reflexão para outras mulheres negras e artistas, situadas no âmbito acadêmico ou não. Acredito que conhecer a trajetória e os anseios de pessoas que estão na mesma caminhada é enriquecedor, tenho como inspiração muitas mulheres negras artistas que com sua luta e trabalho me dão força para que eu esteja aqui, cito algumas: Neusa Santos Souza, Tia Nega, Dona Maria Eliza, Minha Avó Donata, Angela Davis, Elisa Lucinda e tantas outras que, de alguma forma, fizeram com que eu esteja ocupando esse espaço acadêmico e tendo acesso ao conhecimento.

### **A Primeira Palhaça Negra no Brasil**

Na década de 40, surge a primeira palhaça negra no Brasil: Maria Eliza Alves dos Reis. Dona Maria Eliza fazia o palhaço Xamego, acredito eu, porque não existia naquela época o termo palhaça. Ela usava roupas masculinas, era mulher e negra. Ela exercia a posição feminista sem saber quebrando paradigmas naquela época onde a mulher tinha menos voz ainda que hoje.

A neta dela conta que, ela pediu muito para fazer o papel de palhaço no circo porque seu irmão, que era palhaço havia sofrido um acidente e amputado a perna. Seu pai não queria muito que sua neta fosse palhaço, afinal, mulheres fazendo o papel cômico naquela época era inimaginável. Tanto fez, e provou para o seu pai que de fato fazia rir. As moças da época iam ao circo apaixonadas, acreditando que palhaço Xamego era homem.



Figura 2: Dona Maria Eliza e a neta Mariana Gabriel.

Fonte: Arquivo Pessoal gentilmente disponibilizado por Mariana Gabriel.

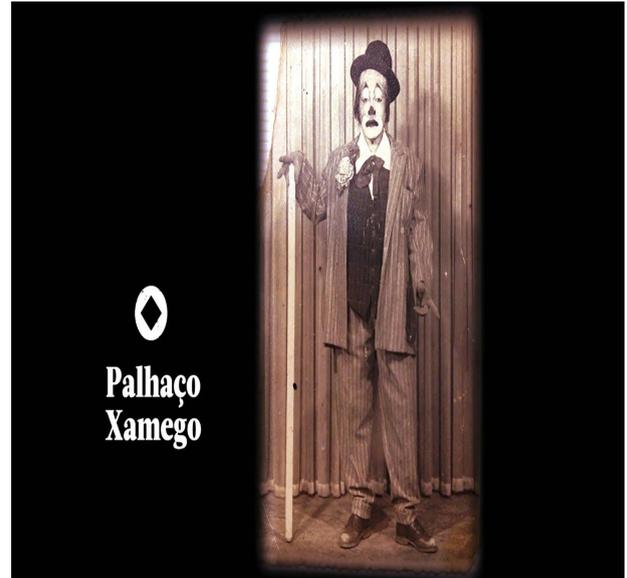


Figura 3: Palhaço Xamego

Fonte: Arquivo pessoal gentilmente disponibilizado por Mariana Gabriel.

Quem conta a história do palhaço Xamego é a neta, Mariana Gabriel. Há uma doçura e ludicidade, uma atmosfera que não sei explicar nos materiais em que pesquisei. O palhaço Xamego era para além de seu tempo, uma mulher que fazia rir antes mesmo que uma mulher pudesse fazer rir. Alguém que construiu o que hoje nos dá base. Ocupou um lugar majoritariamente masculino. Assumiu um protagonismo que não nos é dado. Tudo isso em um documentário que trata sobre racismo e machismo mas também tem sua doçura e generosidade na história de vida de uma artista negra de circo na década de 40;

No início do século XX, ser uma atriz de circo feminina negra era o suficiente para resistir às tendências sem também tentar persuadir o mundo de



III Seminário Internacional em  
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



que as mulheres podiam ser palhaços. Maria Eliza, portanto, escondeu sua feminilidade atrás de seu palhaço masculino. (Total Theatre Magazine - 22/11/17)

O estado de brincadeira me permite uma ligação poética e subjetiva da própria palhaça para o público. Denunciando o sistema escravocrata atual, para expor um assunto tão necessário e tão delicado sem precisar verbalizar, a palhaça já expõe, a Lola já é o discurso antirracista e de valorização da cultura afro e da estética negra. O papel que a palhaça cumpre dentro do sistema político-social é de valorizar e trazer protagonismo para o indivíduo negro, em especial a criança negra.

Saber que existiram outras mulheres que conseguiram realizar seus sonhos, ultrapassando o machismo e o preconceito racial, nos fortalece e contribui para que sejamos o que quisermos. Minha avó era uma revolucionária por ser capaz de realizar seus sonhos, transpondo barreiras. (Revista E de maio de 2018)

Acredito, que a história de dona Maria Eliza nos fortalece a continuar resistindo e fazendo arte no contexto em que estamos inseridos. Muita coisa mudou da década de 40 a 60 quando Xamego fazia graça resistindo no circo Guarany, pra cá, mas muita coisa ainda precisa ser mudada. Obrigada, Xamego!

### **A Estética Política da Lola**

Lábios evidentes, nariz que antes era vermelho, trazido como herança pelo clown Europeu agora assume-se preto. Essa posição que fui tomando conscientemente evidencia traços negros que vão se padronizando e embranquecendo. Se eu pegar sol não vou ficar “vermelhinha” e, tampouco “corada”. Portanto, não há razão pela qual um nariz vermelho faça parte da minha palhaça.



III Seminário Internacional em  
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



Neusa Santos Souza (1983, p. 19), fala sobre esse embranquecimento estético e de padrão comportamental e cultural que o indivíduo negro é forçadamente moldado. Ele, ao se ver nesse lugar,

tendo que livrar-se da concepção tradicionalista que definia econômica, política e socialmente como inferior ou submisso, e não possuindo uma concepção positiva de si mesmo, o negro viu-se obrigado a tomar o branco como modelo de identidade ao estruturar e levar a cabo a estratégia de ascensão social. (SOUZA, 1983, P. 19)

Diante do exposto, saliento a importância social e política ao me colocar enquanto palhaça-artista negra, meus traços e assumi-los como o palhaço assume-se diante de suas características:

Para a palhaça, não servem os simulacros, o papel cotidianamente desempenhado. Importa, isto sim, a natureza humana, os ridículos de nossa condição. Potência feminina na comicidade, repetição do mesmo, da figura cômica, mas na potência de ser mulher. Trata-se de reconhecer que mulheres têm sua própria experiência de vida no mundo, seus ridículos, seu cômico, determinado não pelas diferenças de sexo, mas pela riqueza de vivências próprias, social, histórica e culturalmente construídas. (FLORES e LIMA, 2014, P. 125)

Reconhecendo e assumindo minhas próprias vivências, experiências, desejos, anseios e, minha visão de projeção para o mundo a partir do meu corpo enquanto ferramenta política. Ouso dizer que o corpo da minha palhaça pode se assumir como um dispositivo poético político, em que um estado de brincar me permite redescobrir minhas características físicas, assumindo-as, percebendo cores, formas, aceitando e começando um processo de amor próprio e orgulho colocando esse corpo em evidência a mulheres e crianças negras que não conseguem ter na tv ou em revistas, por exemplo, representatividade.

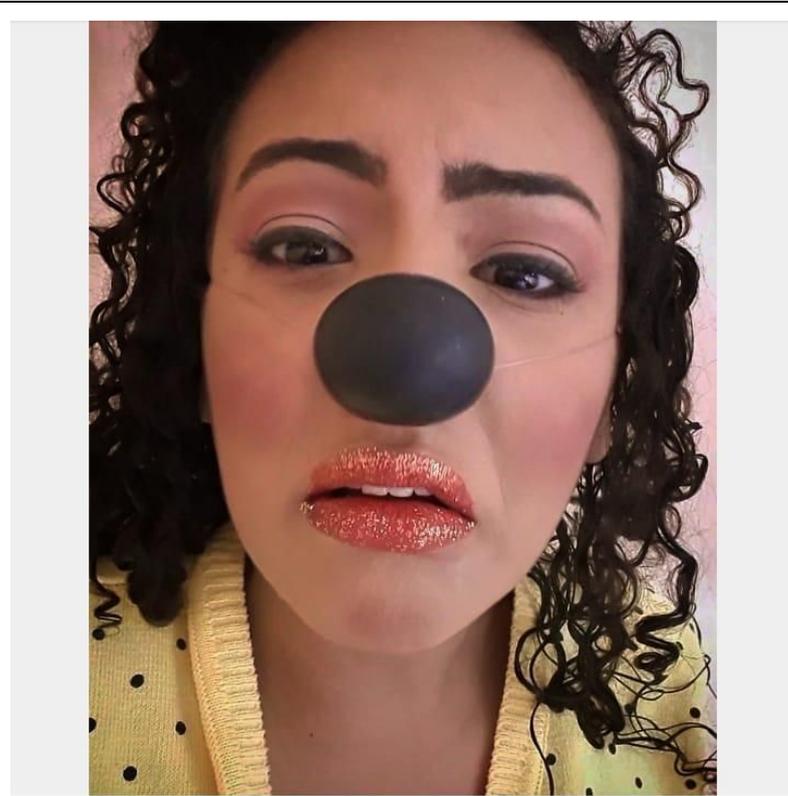


Figura 4: Nova estética da Lola.  
Fonte: Campo realizado em Outubro de 2018.

O gosto é construído socialmente. Como eu, quando era criança poderia gostar do meu cabelo se em todos os meios midiáticos eu tinha referências brancas? Se todas as minhas bonecas tinham o cabelo liso, loiro e olhos azuis? Me recordo de um dia em que meu companheiro levou a sobrinha para assistir a um espetáculo no qual eu participava. No dia seguinte ele comentou que ela tinha dito: “Lá na escola eles riem de mim e dizem que meu cabelo é tóin óin óin, mas o cabelo da Lola também é tóin óin óin e ela é bonita.” Eu penso que essa referência é fundamental para construção identitária e de auto estima de crianças que vêm a um espetáculo em que uma palhaça negra está inserida.

O caminho lúdico percorrido vai além de uma estética apresentada, ultrapassa na criança o modo como ela se projeta no mundo a partir de referências do outro. O que eu quero dizer é que, a sobrinha do meu companheiro teve um pequeno estalar ao embarcar



III Seminário Internacional em  
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



no mundo lúdico da Lola; ela se reconheceu no outro, e viu que estava tudo bem, mesmo tendo uma negação estética a partir do seu cabelo por parte do meio social em que estava inserida. Tá tudo bem ter o cabelo “tóin óin óin”!

Deste modo, investigando esses pontos visuais, valorizando traços e particularidades, coloco em evidência uma estética invisibilizada, negada, subjugada que sempre é associada a termos pejorativos e isso sempre foi normalizado, mas que aos poucos toma consciência da beleza que tem, independente de pressões estéticas europeias.

Trazendo para o contexto amazônico, é perceptível a ausência de representatividade negra na região, como há Brasil a fora, desmitificando a fábula da democracia racial. Mas aqui ainda se discute a presença desse indivíduo negro que além de ser parte da população ajudou a alicerçar a amazônia. Quem vem de fora, tem sempre a ideia do índio como etnia Amazônida, e nós, povo da região norte temos essa dificuldade de reconhecimento negro.

### **O Riso**

Durante muito tempo a presença feminina na comicidade era nula. O humor do palhaço é de sua natureza ridícula, escatológica, grotesca e, muitas vezes até sexual. À mulher isso era apresentado como algo que violasse a imagem imaculada dela, o conservadorismo não permitiria esse tipo de comportamento. Tanto que, cabia aos homens fazerem papel de mulher nas peças. O corpo feminino representa para o olhar masculino algo a ser controlado de qualquer vontade. Faz décadas que o patriarcado decide por este corpo. Ou seja, a mulher fazer rir o outro, expor-se como artista é algo que viola esse sistema que foi posto a muito tempo, construído socialmente para reforçar a imagem de “honra e perfeição” do símbolo feminino, porém, essa violação oprimia uma das diversas maneiras de nos colocarmos enquanto pessoas livres e iguais aos homens.

A partir desses relatos, depreende-se que em virtude da



III Seminário Internacional em  
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



moral e proclamando proteção à dignidade das esposas e filhas, a patriarcal tradição circense teria inibido a participação feminina em ocupações externas à lona e em papéis cômicos, sob o risco de macular a feminilidade e a honra das mulheres, fosse pelo contato com homens ou pela abordagem de temas grotescos e sexuais, tão característicos da comédia. Naquela conjuntura, era preconizada a manutenção da imagem da mulher em um padrão ideal romântico do belo, sublime e perfeito. (JESUS, 2017, P. 3)

Entende-se também que naquela época o lugar da mulher socialmente falando era reduzido a cuidar da casa e desta forma, uma mulher artista não era bem vista perante o conservadorismo. Muita coisa está mudando nesse cenário. Lembro que até pouco tempo atrás os programas de humor, investiam na imagem da mulher com estética padrão “boazuda” com um personagem ingênuo, subindo uma escadinha de saia curta. Ou até mesmo dançando só para entreter. O lugar da mulher na comicidade ganha uma autonomia maior, com críticas e um tom ácido, e esse lugar do corpo feminino objetificado vai perdendo força e ganhando mais representatividade e arma política contra o machismo.

A constatação destas lacunas permite afirmar que a invisibilidade de figuras femininas desempenhando papéis cômicos possui razões culturais, históricas e sociais, uma vez que durante séculos houve proibição da participação da mulher nas artes cênicas, fossem como espectadoras ou como atrizes, sendo os papéis femininos representados por homens travestidos. (JESUS, 2017. P. 1)

Existe a negação da possibilidade da mulher fazer rir, por acreditar que somente mulheres “feias” conseguiriam executar este papel. Havia e ainda há tabus, estereótipos e mitos a respeito da figura da mulher. Esses padrões estabelecidos começam a ser quebrados na atualidade. Porém, ainda percebo que algumas coisas vão demorar para serem quebradas.



Desconstruo aqui a ideia de feio e bonito e no que a aparência afetaria na execução de qualquer coisa e de qualquer natureza. É importante colocar aqui que já estamos avançando, tanto que, temos palhaças maravilhosas e empoderadas fazendo um trabalho relevante e importantíssimo para a área da palhaçaria, cito algumas; Judite, Barrica, As meninas da casa 407 em São Paulo: Dolores, Peixa, Farofa. A palhaça Bafuda entre outras . É um ato de resistência política o processo de discurso sobre a palhaça e o simples fato delas existirem e estarem se movimentando.

### **A Solidão da Palhaça e a Solidão da Mulher Negra**

Eu me vejo só, quando tomo uma atitude política de fundamentar esse trabalho com mulheres negras e sinto dificuldade de achar referências. Me vejo só, quando eu busco uma representatividade e sair do silêncio. Busco mais ainda mostrar por meio desta pesquisa, que mulheres negras ainda estão silenciadas, apagadas. Mulher negra faz ciência? ocupa espaços elitistas e privilegiados? Mulher negra faz arte?

Enquanto palhaça uma solidão dupla faz parte de mim. Ao ponto em que me enxergo e assumo meu lugar privilegiado de estar ocupando um espaço acadêmico e tendo acesso a essas ideias que fundamentam meus questionamentos pessoais e sociais, se eu olhar para os lados, posso notar a ausência de outras mulheres negras caminhando junto comigo, entrando nesse barco junto comigo.

Eu quando estudo a Lola, há uma presença lúdica muito forte entre nós, uma linha que traça nossas lógicas e ideias a nossa própria existência nesse mundo, e isso me conforta. Mas também percebo que preciso de outras presenças para trocas para que essa linha possa se tornar várias raízes trocando e questionando todas as idéias. Ser palhaça negra no Amazonas é começar aumentar o volume da minha voz, que antes era silenciada, apagada. É gritar em alto e bom som todas as inquietações e vivências partidas por mim ao encontro do outro. É me colocar como protagonista sem nenhum constrangimento, mas também querer dar protagonismo. É uma busca constante por referências e por lugares, corpos pretos se movimentando, dançando, abraçando,



III Seminário Internacional em  
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



---

sorrindo, se olhando, caminhando... juntos! resistindo! E saber que essa resistência muitas vezes é de solidão, é doloroso, mas também é de alegria, autoconhecimento, autoestima, empoderamento.

Ser preta no Brasil não é fácil. Ser preta no norte não é fácil. Mas ser preta também é poético, é bonito. Ser preta também é fascínio. A gente tem que destruir aos poucos a ideia de que ser preto não pode ser lindo. Às vezes falar de política cansa. Falar de racismo, preconceito e desigualdade cansa. Às vezes a gente quer falar de como o cabelo fica lindo solto ou de como achamos graça de momentos quando não estamos na defensiva. Estar sempre armado, sempre pronto, para mostrar que podemos, para provar fazemos melhor, fazemos duas vezes. Mas a gente cansa. Eu quero acreditar em dias que vamos poder nos desarmar e sem medo olhar pro mundo e aproveitar o espetáculo. É de fato uma utopia, mas viemos para além do sobreviver, está na hora de viver. Resistindo e concretizando utopias.



III Seminário Internacional em  
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



---

## Referências Bibliográficas

FLORES, Andrea Bentes; LIMA, Wladilene. **Dos encontros entre palhaças ou pistas para uma cartografia lúdica.** Uberlândia v. 10 n. 1 p. 120-131 jan./jun. 2014

FORTIN, Silvy. **Contribuições possíveis da etnografia e da auto etnografia para a pesquisa na prática artística.** Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2009

JESUS, Jennifer Jacomini. **A Mulher na palhaçaria.** Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2017.

MENEZES, Fernando Chui. **Quatro atos de Judite: o corpo feminista da palhaça.** Revista Trama Interdis- ciplinar. São Paulo, v. 2, n. 1, p. 161-168. 2011.

SILVA, Emerson de Paula. **O texto do negro ou o negro no texto: um recorte d'As confrarias de Jorge Andrade.** Mestrando em Artes da Cena pela UNICAMP. Licenciado em Artes Cênicas pela UFOP

**Documentário sobre a primeira palhaça negra do Brasil. Acesso em: 25/09/2018**

<<http://todosnegrosdomundo.com.br/minha-avo-era-palhaco-documentario-que-Conta-a-historia-da-primeira-palhaca-negra-do-brasil-sera-lancado-hoje/>>

**Revista E de maio de 2018. Acesso em: 01/10/2018**

<[https://www.sescsp.org.br/online/artigo/12004\\_VOVO+NO+PICADEIRO](https://www.sescsp.org.br/online/artigo/12004_VOVO+NO+PICADEIRO)>

**Minha avó era palhaço na Total Theatre Magazine - 22/11/17. Acesso em: 01/10/2018**

< <http://totaltheatre.org.uk/bring-on-the-women-clowns/> >

**Minha avó era palhaço no Programa Metrópolis - TV Cultura , 25/03/17. Acesso: 01/10/2018**

<[https://mail.google.com/mail/u/0/#inbox/FMfcgxvzKksKMtlrKfGMPHLJHfqMwbzk?projecto\\_r=1](https://mail.google.com/mail/u/0/#inbox/FMfcgxvzKksKMtlrKfGMPHLJHfqMwbzk?projecto_r=1) >